



TRÊS DÉCADAS DE SUS

O sucesso e os entraves do Sistema Único de Saúde sob a luz da Tecnologia

“**U**ma luta popular pela democracia e pelo direito à saúde.” É assim que o Ministério da Saúde considera a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), fruto de uma ideia revolucionária da Constituição Federal brasileira

de 1988, reconhecendo a Saúde como direito de todos e dever do Estado, independente de situação financeira, etnia, região, entre outros subcritérios.

“A criação do SUS foi, e ainda é, vista mundialmente como uma das propostas mais avançadas de inclusão social e universalização da assistência à Saúde”, diz Miguel Velandia, VP da

Medtronic Brasil. O executivo pontua o SUS como responsável por 4.3% do PIB Brasileiro e, para a Medtronic, o setor público corresponde a 40% das vendas da empresa.

Para Carlos Alberto Goulart, presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Alta Tecnologia de Produtos para Saúde (Abimed), o SUS é um marco na história da assistência à Saúde no Brasil. “Desde a sua criação, o SUS teve um papel importantíssimo na melhoria do atendimento, destacando-se, entre outras, as ações de vacinação e a condução das políticas referentes ao

“**A** ATS SE DESTACA COMO FERRAMENTA IMPORTANTE NO CONTEXTO DA ADOÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS, POIS EQUILIBRA O MELHOR RESULTADO PARA A SAÚDE E A SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA.”

Miguel Velandia, VP da Medtronic Brasil

HIV, por exemplo. Os números elevados de atendimento de consultas, exames, transplantes e vários outros procedimentos são provas de sua importância.”

Também estão entre as iniciativas de sucesso do SUS o Programa Nacional de Imunização; o Sistema Nacional de Transplantes; o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU); os programas de distribuição e acesso gratuito de medicamentos básicos e de alto custo; a ampliação das políticas de atenção básica em saúde e a criação da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec).

“O SUS possui números impressionantes em praticamente toda a sua rede. A quantidade de consultas, exames, cirurgias e inúmeros outros procedimentos é também muito significativa, representando a cobertura de 75% da população brasileira, índice que pode chegar a mais de 90% em algumas regiões do Norte e Nordeste brasileiro”, esclarece Murilo Contó, gerente de Políticas em Saúde da Boston Scientific do Brasil.

O SUS também é muito importante para a indústria no País, respondendo por cerca de 50% das compras do setor de produtos para saúde, com grande potencial de crescimento devido ao aumento da demanda na área da saúde e de necessidade da população ainda não atendidas.

Além de todo esse potencial mercadológico, o SUS também representa grandes oportunidades para a pesquisa e o desenvolvimento de várias áreas das ciências da saúde no país.

No entanto, apesar de todos os resultados positivos do SUS durante esses 30 anos, executivos apresentam uma opinião unânime sobre o Sistema: ainda há muito o que melhorar. Para Velandia, um dos entraves é a ampliação da população ao diagnóstico e ao tratamento de doenças. “Este é um desafio não só do Brasil, mas global. Em todo o mundo, governos, planos de saúde, hospitais, médicos e outros cuidadores estão lutando para atender às necessidades de saúde, sem aumento dos custos”.

Um gargalo que deve ser revisto no atual momento é a Proposta de Emenda à Constituição 55, aprovada em 2016, que limita o aumento dos gastos públicos à variação da inflação. “Especialistas sinalizam que a garantia de financiamento da saúde foi comprometida pela aprovação da PEC 55, essencial para a sustentabilidade das contas públicas a longo prazo, mas que pode trazer consequências para sistema de saúde no longo prazo”, pontua Velandia.



Os desafios da incorporação tecnológica

Entre os desafios do SUS, uma questão muito debatida pelos entrevistados é a incorporação de tecnologias que traz uma melhor qualidade assistencial à saúde, entretanto, a introdução dessas inovações é árdua e repleta de obstáculos – a começar pela lentidão da aprovação dos órgãos regulatórios do setor.

Para promover maior agilidade, transparência e eficiência na análise dos processos de incorporação de tecnologias, foi criada, em 2011, pela Lei 12.401, a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec) – assistida pelo Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde (DGITS) –, que tem entre os seus objetivos assessorar o Ministério da Saúde

MIGUEL VELANDIA,
VP da Medtronic
Brasil

nas atribuições relativas à incorporação, exclusão ou alteração de tecnologias em saúde pelo SUS.

Para aprimorar o processo de incorporação tecnológica, foi criado, também pela Lei 12.401, em 2011, a Rede Brasileira de Avaliação de Tecnologias em Saúde (REBRATS), que busca promover e disseminar a avaliação de tecnologias no Brasil, estabelecendo qualidade e excelência na conexão entre pesquisa, política e gestão direcionada ao acesso e qualidade na atenção da saúde.

Basicamente, a REBRATS é uma rede de centros colaborativos e instituições de ensino e pesquisa voltada para a produção de evidências científicas no campo da Avaliação de Tecnologias em Saúde (ATS) – um processo de investigação, em curto e longo prazo, a utilização das tecnologias em saúde com base em evidências de eficácia, segurança e custo-efetividade.

“Nesse processo são avaliadas as consequências clínicas, econômicas, éticas e sociais decorrentes da utilização de uma tecnologia, nova ou já existente no mercado, por todo o seu ciclo de vida. Cabe ressaltar que a avaliação de tecnologias em saúde é um processo baseado em evidências e procura examinar as consequências da utilização de uma tecnologia de cuidados de saúde, considerando sempre a assistência médica, social, questões econômicas e éticas”, informa a Conitec.

Para Murilo Contó, a criação da Conitec foi um dos avanços do SUS. “Alguns setores da indústria, por vezes, se queixam da ausência de um limiar de custo-efetividade ou de algum outro critério do tipo “passa ou não-passa” para determinar a incorporação de uma tecnologia, mas a complexidade na tomada de decisão, principalmente trabalhando com recursos escassos e disputados dentre diversas necessidades do próprio sistema, é uma tarefa muito mais complexa que nenhum filtro deste tipo poderia resolver isoladamente.”



MURILO CONTÓ,
gerente de Políticas
em Saúde da Boston
Scientific do Brasil.

“A ATS se destaca como ferramenta importante no contexto da adoção de novas tecnologias, pois equilibra o melhor resultado para a saúde e a sustentabilidade do sistema. Mesmo assim, precisamos incorporar de maneira definitiva o debate sobre saúde baseada em valor, incentivando o compromisso com a entrega de resultados clínicos para os pacientes”, analisa Miguel Velandia. Para o executivo, é necessário intensificar e promover o debate entre toda a cadeia, orientando as decisões por resultados sustentáveis e de longo prazo.

Por outro lado, Carlos Alberto Goulart, presidente-executivo da ABIMED, argumenta que o ritmo de incorporações não acompanha a velocidade do desenvolvimento de novas tecnologias, que são fundamentais para a ampliação do acesso à assistência, o aumento da produtividade e garantia de sustentabilidade do sistema de saúde e a melhoria da gestão. “Incorporações tecnológicas criteriosas podem reduzir substancialmente a judicialização da saúde, promovendo redução de custos”, avalia.

Inovação: uma arma necessária no Brasil

Além do processo de incorporação tecnológica ser lenta no Brasil, outro grande entrave é que o País está entre os menos inovadores do mundo. Estima-se que, atualmente, exista uma fila de mais de 180 mil inovações brasileiras à espera de uma avaliação para saber se receberão um registro de patente ou não. Esse volume pode corresponder a uma espera média de 11 anos para que as invenções sejam chanceladas pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi).

Pode-se dizer, então, que o Brasil está na fila quando o assunto é inovação. Entre as razões para o desestímulo de invenções nacionais está a falta de incentivos fiscais para que se desenvolvam pesquisas no país. Essa realidade brasileira já até foi tema abordado na revista *The Economist*. “Nas últimas duas décadas, o Brasil fez progressos significativos para modernizar suas políticas e instituições para apoiar a inovação. No entanto, todos os atores envolvidos no processo de inovação permanecem em um estágio de baixa maturidade”, informa o texto.

O professor de Administração da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, Paulo Roberto Feldmann, também já se posicionou publicamente sobre esse tema. Segundo ele, o setor privado investe pouco em pesquisas de inovação e, quando investe, os projetos contam com recursos do Estado.

Para fundamentar o pensamento de Feldmann é necessário refletir sobre o cenário global. De acordo com o ranking anual da *Forbes* para 2018, o Brasil ocupa posições baixas quando o assunto é inovação. Segundo a lista divulgada pela revista, das 2 mil maiores empresas do mundo, apenas 1% é brasileira.

Se para o setor privado esse quadro pode ser visto como preocupante, para o setor público ele pode ser atroz. Nesse sentido, Goulart defende ser fundamen-

tal o investimento da indústria em inovação no Brasil para elevar o patamar de competitividade do País, impulsionando o Brasil a melhorar a sua posição na cadeia global de produtos de Saúde.

“O papel que o Brasil desempenha hoje no cenário internacional está muito aquém de sua capacidade de geração de valor. Bons exemplos de políticas industriais que resultaram em produção local são os Processos Produtivos Básicos para a área de imagem e o off-set para os aceleradores lineares”, diz Goulart.

Para Miguel Velandia, a introdução de novas tecnologias é uma das principais saídas para melhorar a utilização dos recursos no SUS. “Elas podem proporcionar uma melhor utilização da estrutura existente através, por exemplo, da adoção de cirurgias minimamente invasivas que favoreçam a redução do tempo cirúrgico e de internação, além do menor tempo de anestesia”.

Velandia defende que não há como desenvolver novas tecnologias sem investir para que o acesso e a qualificação sejam possíveis no mercado. “O papel da tecnologia é gerar resultados cada vez melhores para o estado geral de saúde do paciente, trazer conforto e oferecer ainda mais eficiência nas soluções”, defende.

Para o presidente-executivo da ABIMED, o mundo vive uma grande ruptura decorrente da chamada Indústria 4.0, com grande impacto na área saúde, é fundamental que o SUS leve em consideração seus benefícios na gestão, na assistência e promoção da saúde e na educação médica.

“Acho importante ressaltar que todos nós, mesmo aqueles que possuem plano de saúde privado, somos em maior ou menor grau usuários do SUS. Defender sua evolução e melhorias significa trabalhar pela nossa própria saúde, segurança e bem-estar”, finaliza Murilo Contó, gerente de Políticas em Saúde da Boston Scientific do Brasil. ■

“**TODOS NÓS, MESMO AQUELES QUE POSSUEM PLANO DE SAÚDE PRIVADO, SOMOS, EM MAIOR OU MENOR GRAU, USUÁRIOS DO SUS. DEFENDER SUA EVOLUÇÃO E MELHORIAS SIGNIFICA TRABALHAR PELA NOSSA PRÓPRIA SAÚDE, SEGURANÇA E BEM-ESTAR.”**

Murilo Contó,
gerente de Políticas em Saúde da Boston
Scientific do Brasil